

Um vulto esquecido

* **Francisco José Alves**

A memória é seletiva. Filtra, das vivências, o que deve ser retido ou lançado no porão do esquecimento de um indivíduo. O mesmo ocorre com a sociedade. Nas sociedades modernas 'diversas' instituições têm a função de guardiões da memória. Este é o papel dos arquivos, dos monumentos; dos nomes das ruas e praças. Estes são, dentre outros, meios de fixar na memória coletiva, homens, acontecimentos, datas significativas para a comunidade ou parte dela.

Em sociedade, como a nossa, dividida em classe, a memória torna-se também um palco de disputas. A luta ocorre em torno do que ou quem deve ser lembrado, fixado na memória coletiva. Às vezes, nestas escolhas cometem-se injustiças gritantes.

Estas idéias me ocorrem a propósito de uma figura da história de Sergipe. Trata-se do historiador, jornalista, médico, e político Felisbello Freire (1858-1916). FF. Faz parte da geração dos sergipanos Sílvio Romero, João Ribeiro, Fausto Cardoso, e Laudelino Freire, membros da famosa "geração de 70", intelectuais nascidos nos incílios da segunda me-

tade do século XIX que renovaram o perfil ideológico do Brasil.

Felisbello Freire foi um homem de múltiplas facetas. Na Laranjeiras dos anos 80 fundou jornais, um clube político literário e arregimentou o movimento republicano. Vitorioso o novo regime foi escolhido primeiro governador republicano do Estado (1889-1890). Depois de curto governo rumou para o Rio de Janeiro onde veio a falecer em 1916. Em Sergipe FF. foi,



sobretudo, um animador intelectual, um divulgador das novas científicas. Teve papel destacado como disseminador do "bando de idéias novas" que siderava os espíritos esclarecidos daquele tempo: evolucionismo, republicanism, liberalismo, presidencialismo... Como jornalista FF. foi um vulgarizador da nossa tardia ilustração.

No Rio de Janeiro FF. continuou suas múltiplas atividades. Foi, inicialmente, ministro do governo Floriano Peixoto, dirigindo a pasta da Fazenda (1893-1894) e do exterior (1893). A partir de 1897 é eleito deputado federal pelo estado de Sergipe. Ocupa o cargo nas legislaturas (1887-89; 1903-5; 1909-11; 1912-14; 1915-17). Morre na condição de deputado, em 1916. Na fase carioca FF. militou no jornalismo juntando imprensa e parlamento. Polemizou com Sílvio Romero, José Vieira Fazenda, Rui Barbosa e outros intelectuais.

É na historiografia que FF. tem

sua contribuição mais abrangente. Escreveu uma dezena de livros de história destacando a inaugural História de Sergipe (1891). Sua obra historiográfica demonstra amplo domínio das fontes impressas e manuscritas além de funda intimidade com as correntes científicas e filosóficas do seu tempo.

Foi membro do IHGB e do Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco. Privou da amizade de João Ribeiro e de Araripe Júnior. Foi um homem antenado com a sua época. Atuante e pensante.

Pois em que pese a estatura da figura radicalmente esboçada, FF. permanece um vulto olvidado. Aracaju não tem rua, praça, escola com seu nome. Em obra recente, no entanto, Jackson da Silva Lima destaca a atuação do filho de Itaporanga na divulgação do pensamento filosófico em Sergipe do século XIX. Como demonstra o autor, FF. foi figura capital na história política e intelectual sergipana.

É hora de corrigir esta injustiça. É preciso relembrar FF. e nos redimir do feio pecado da ingratitude.

Francisco José Alves é professor de Teoria, metodologia e Historiografia Brasileira no Departamento de História da UFS.